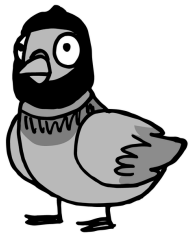
NÚMERO 26 19 NOV. 2026

A PASSARADA



JORNAL AUTÓNOMO DA ACAMPADA



A PASSARADA VISTA PELA PASSARADA

O QUE É A PASSARADA

A inesperada popularidade da Passarada fez com que não tenhamos, talvez por inconsciente conveniência, analisado até agora a própria Passarada enquanto parte da Acampada. Isso ocorreu porque a vemos enquanto projecto "autónomo" da Acampada e porque não tínhamos, até há uma semana, noção do seu impacto.

A ideia de fazer um jornal "autónomo" surgiu dias antes da Acampada. O jornal não surge de nenhum colectivo pré-existente à Acampada: emerge de uma área difusa, composta por vários colectivos e centros sociais de Lisboa. A Passarada foi pensada em torno de dois eixos.

Primeiro, fazer um instrumento de reflexão interno ao movimento e não um órgão de propaganda. Não descuramos essa função de propaganda, mas ela já está bem preenchida. A Passarada pretende tornar mais explícitos e claros os debates que emergem do movimento, sem que se torne, no entanto, o seu "Diário da República". A nossa parcialidade é explícita. Participamos nos debates e propomo-los, procurando que ocorram a partir de posições claras e não de caricaturas mútuas.

Segundo, o propósito da Passarada é também criar uma mitologia e uma poética da Acampada. Dar cor e textura às suas experiências, ao seu imaginário, às formas de vida que dela emergem. Contribuir para que o movimento possa falar de si próprio sem recorrer à linguagem do Estado, do civismo ou do abrilismo. O que propomos será entusiasmante para algumas pessoas, intragável para outras. C'est la vie.

Dentro da Passarada convivem perspectivas diferentes. Não há qualquer unidade ideológica concreta. As experiências de militância vão do PCP ao mais informal dos anarquismos, passando pelas lutas climáticas e pelas ocupações. Grosso modo, interessa-nos a história herética do movimento operário, da esquerda e da contracultura. O que nos une não é uma filiação ideológica, mas uma certa forma de fazer política, mais ancorada num fazer em conjunto do que em estruturas formais ou ideológicas. Os textos são escritos por essas várias pessoas, sem que todas se revejam em tudo o que é escrito.

A Passarada afirma-se enquanto jornal "autónomo". Não pretende, em momento algum, ser o jornal "oficial" da Acampada, nem expressar tudo o que acontece na Acampada, nem traduzir todas as posturas nela presentes. É um ponto de vista entre outros. A ambivalência do termo "autónomo" sugere uma afinidade com o seu legado histórico, político e ideológico. Mais sobre isto adiante.

A Passarada não é assinada, mas não é anónima. É distribuída na Acampada, sendo óbvio quem a faz. Assinar um texto é uma opção política. Não assinar também. A decisão de não assinar surge da vontade de sublinhar a dimensão colectiva do processo de pensar e escrever e de evitar a criação de mais activistas famosos.

A PASSARADA NA ACAMPADA

Talvez por ser a única publicação do seu género na Acampada de Lisboa, a Passarada ganhou uma importância que não esperávamos, em parte porque a própria Acampada ganhou uma importância que não esperávamos. A Passarada fala a uma experiência imediata. É um jornal orientado para as

subjectividades que se vão constituindo dentro da Acampada. A intensidade que todas vivemos (a euforia das tendas, a força conjunta da resistência à repressão, o drama das tricas, etc.) é algo vivido em conjunto, com o qual a Passarada tenta dialogar. A divulgação online da Passarada foi feita a partir de uma página de memes com milhares de seguidores, que depois a tornou sua. Isso deu-lhe uma projecção inédita, chegando desde o início a milhares de pessoas. Cada edição online da Passarada tem entre dez mil e trinta mil visualizações, com algumas a chegar às cem mil.
A Passarada tornou-se, sem que ninguém o planeasse ou desejasse, uma das caras "públicas" da Acampada. Tal não nos agrada particularmente. Não queremos ser O jornal da Acampada, mas UM jornal da Acampada. Não o dizemos por falsa humildade, já que a modéstia, como toda a gente já percebeu, não é uma das nossas qualidades. Dizemo-lo por convicção política. Somos contra a ideia de que a Acampada possa ter apenas UM jornal. Jornalistas, polícias e controleiros procuram desesperadamente encontrar quem manda na Acampada ou quem a representa, para cooptar, para controlar, para disputar. Recusamos discutir a Acampada com quem não esteja, de um modo ou de outro, ligado a ela.
A persistência da Acampada levou as suas contradições internas ao limite, como dissemos numa edição recente. As suas "instituições" (APs, GAs, GTs, plenários, etc.) foram sujeitas a um questionamento, mais do que legítimo, a partir de posições diversas. A Passarada, não obstante não ser, de modo algum, o jornal "oficial" da Acampada, foi encarada como parte dessa estrutura, sendo por isso natural que seja sujeita ao mesmo tipo de escrutínio. Se discutimos o nosso próprio projecto, é porque essa discussão nos foi proposta e porque a Passarada se tornou parte da problemática da própria Acampada.

LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PASSARADA

As críticas à Passarada agruparam-se nos pontos que explicitamos abaixo. Mais do que nos defendermos de acusações, importa tentar perceber que tensões lhes são implícitas.

Um. As reflexões publicadas na Passarada sujeitam as instituições da Acampada a um escrutínio inédito.

Concordamos que isso possa ser desafiante, mas não o achamos prejudicial. É o antídoto para as acusações de palacianismo entre GAs, APs e GTs. O que distingue esta Acampada da anterior, em 2011, é o nível de autorreflexão de que foi capaz e o modo como foi conseguindo, a custo, construir novos métodos de organização. Este tipo de reflexão, com todas as suas insuficiências e vieses, é crucial para o desenvolvimento de estratégias e técnicas comuns. Afirmar que isso é a exposição de questões internas é desejar uma Acampada feita de pequenos comités secretos. Uma das maiores lacunas entre nós é a ausência de uma prática de debate que vá além das minudências teóricas e das tricas entre capelinhas. A Passarada não deve, não pode, não almeja ser o único órgão desse debate e dessa autorreflexão. Mas isso não depende dela. O grau de lucidez e de cuidado com que conseguirmos discutir as nossas concordâncias e discordâncias, as nossas forças e os nossos limites, é o maior sinal de força do movimento.

Dois. A romantização da Acampada, demasiado voluntarista na criação de novos mitos e poéticas, encerra a Acampada em si própria.

A crítica é correcta, mas é extensível a todos os quadrantes da esquerda, onde a única diferença é que a sua poética está mais naturalizada. Nada encerra mais o movimento em si próprio do que a absoluta hegemonia dos cinquenta tons de Abril. Quem ridiculariza o jargão dos outros sem pensar no que esconde o seu próprio jargão percebeu muito pouco sobre o que significa pensar em conjunto.
Mas por trás deste reparo esconde-se algo mais pertinente. Não há organização, área, facção ou movimento sem contradição entre o seu mito e a sua realpolitik. Cada um que faça as suas contas. O que distingue a Acampada é precisamente ocorrer enquanto excepção insustentável a essa performatividade transversal em que todas somos, ao mesmo tempo, Che Guevara e Mr. Bean. A sua poética, por ora, é disruptiva e contagiante. É nesse sentido que ali ocorre uma improvável indistinção, ténue e frágil, entre poética e política. Por agora, essa indistinção continua em aberto.

Três. A Passarada, ao situar-se no campo dos que tendem a defender uma recusa em entrar em diálogo com o poder e em apresentar reivindicações ao governo, recusa a política e, nesse gesto, impede uma verdadeira participação cívica e impossibilita a hipótese de uma "vitória" concreta, traduzível em leis, medidas, programas, etc.

Este ponto será discutido num texto à parte, mas há aqui, na verdade, duas questões diferentes.
A primeira, desde logo, é que, se as instituições necessitam assim tanto do apoio da Passarada, então a sua crise é ainda maior do que pensávamos. Há dezenas de partidos, instituições, associações, colectivos, jornais, pensadoras, comentadoras, etc., prontas a defender a política institucional, o confronto parlamentar e todo o repertório da esquerda clássica. Se nos disserem que o apoio de um

jornal cheio de bonecada é mesmo o que falta para fazer vingar o último respiro da social-democracia, então não seja por isso: arrumamos a autonomia e a comunização na gaveta e juntamo-nos todas a essa grande festa da democracia que vem.
A segunda, talvez mais interessante, é de ordem táctica. E se, por entre esse bouquet de instituições, a existência de algo irredutível e incontrolável funcionasse como argumento extra? De onde surgiu a Acampada quando todos a julgavam impossível? O que catapultou um exercício de puro voluntarismo activista para o evento político do ano? O que reanimou um moribundo movimento pela habitação? Foi a dimensão institucional da Acampada? Ou foram as centenas de pessoas prontas a resistir à brutalidade policial? A questão pragmática em cima da mesa é sobretudo essa: como organizar a dialéctica entre diálogo e confronto? Um movimento que não seja capaz de organizar e articular AMBOS esses aspectos é um movimento impotente. Há centenas de pessoas e de organizações a pensar a política institucional. Nós continuaremos a pensar a outra parte.

Quatro. A Passarada é excessivamente densa e teórica, pateticamente performática, um exercício masturbatório de pseudo-intelectualóides que não sabem fazer mais nada e são inúteis ao movimento.

Tudo verdade: era precisamente aí que queríamos chegar.

Cinco. A Passarada é o órgão da "corrente autonomista" que controla a Acampada.

De fora da Acampada, para quem a segue através das redes sociais, a importância da Passarada pode parecer desmedida. De dentro, não. De longe, para quem gostaria de controlar o discurso da Acampada e de a fazer regressar à política clássica, as bacoradas da Passarada podem parecer algo a menorizar. De perto, o que o nosso jornalito diz é relativamente indiferente.
O "autonomismo" é pouco mais do que um espantalho para quem necessita de reduzir um antagonismo difuso a uma caricatura. O controlo clandestino que apontam é apenas aquele que gostariam de ter. Que se possa participar em algo sem vontade de o controlar, que algo se organize sem necessidade de controleiros, eis o que é impossível de compreender para quem olha para uma praça ocupada e só consegue ver o que dela pode extrair.
Sim, parte da redacção da Passarada encontra inspiração na Autonomia italiana, bem como noutras correntes que nada têm a ver com esse alegado "autonomismo". Poderíamos esmiuçar todas essas correntes e as suas leituras de Marx até ao último detalhe, mas é um exercício que pouparemos às nossas leitoras.
A diminuta redacção da Passarada participa na Acampada não enquanto redacção, mas de várias formas, não organizadas entre si, sem qualquer plano comum, sem fidelidades anteriores ou ulteriores. Não só não existe qualquer corrente "autonomista" na Acampada, como a maior parte dos participantes nos GTs, nos GAs e nas APs não fará a mais pequena ideia do que isso seja.

Sim, a Acampada deve ser autónoma dos autonomistas. Já o é, sempre o foi.